

COMUNICAÇÃO POÉTICA: esforço de síntese

FERNANDO FÁBIO FIORESE FURTADO*

RESUMO: a resistência da poesia à mercantilização imposta pela sociedade de consumo. As correlações entre poesia e troca simbólica, considerando-se os conceitos de símbolo, jogo e festa.

DESCRITORES: Comunicação : Poesia
Linguagem : Troca Simbólica
Sociedade de Consumo : Símbolo : Código
Communication : Poetry
Language : Symbolic exchange
Consumption Society : Simbol : Code

ABSTRACT: the resistance of poetry to the merchandising imposed by consumption society. The correlation between poetry and symbolic exchange, considering concepts of simbol, game and party.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa um esforço de síntese da dissertação de mestrado que ora desenvolvemos, intitulada **A comunicação poética entre o símbolo e o simulacro**. Dito isto, pretendemos deixar clara a abrangência limitada do mesmo, bem como explicitar a possibilidade de incorporar subsídios bibliográficos outros ao **corpus** teórico da dissertação.

No entanto, podemos afirmar que o fulcro da questão que ora nos absorve está aqui delineado e acreditamos apresentar ao menos os pressupostos básicos necessários à compreensão e reflexão acerca da poesia na sociedade contemporânea.

* Professor do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF e mestrando em Comunicação pela ECO/UFRJ.

2 A RESISTÊNCIA DA POESIA

“A poesia de nossa época chegou de fato ao limite do compreensível e talvez justamente as maiores realizações dos maiores entre estes artistas da palavra são caracterizadas pelo trágico emudecimento no indizível.” (7, p. 19)

Partindo da afirmação de GADAMER podemos vislumbrar a problemática do poeta frente à sociedade de consumo, onde a obra de arte deve conformar-se ao estado de mercadoria e ornamento. O **trágico emudecimento no indizível** remete-nos, antes de tudo, à recusa da palavra enquanto instrumento instaurador da homologia entre valor e significação, e, portanto, enquanto possibilidade de absorção da diferença e de elisão da ordem simbólica. Esta a palavra indizível, pois que forjada num sistema de signos absoluto e generalizado — o código —, objetivando a determinação de simples oposições distintas.

Ao chegar no limite do compreensível, a poesia retrata, conforme ressalta LEMINSKI, a impossibilidade desta arte de se conformar às normas da sociedade contemporânea, pois elaborada a partir de símbolos, diferentemente da pintura e da escultura. Estas, utilizando ícones, adaptaram-se ao mercado através da busca de qualidades técnicas e sintáticas, plásticas e cromáticas, recorrendo ao eixo sintagmático com o intuito de forjar combinações formais de valores universais avessos à troca simbólica. Assim sendo, verificamos a desconstrução do real pelo culto do ícone pelo ícone, quando acopla-se ao real uma máscara, não com o objetivo lúdico de descobrir o segredo, mas devido ao temor de que por de trás nada exista, apenas o vazio.

No entanto, ao império do código a poesia resiste, porque feita com símbolos, palavras. E “... toda palavra pertence a um idioma, historicamente determinado no espaço e no tempo, o mais pesado lastro coletivo que o homem pode carregar”. (9, p. 92)

“Cada palavra tem sua história, sua biografia, sua etimologia. Seu uso deflagra uma constelação de subsignificados e sentidos que, em cada idioma particular, tem certo desenho próprio e intransferível”. (9, p. 92)

Portanto, podemos afirmar que, em sua resistência ao domínio do código, a poesia investe na reversibilidade simbólica e descarna a máscara da arbitrariedade do signo, pois todo signo poético deriva da ligação entre partes numa reciprocidade. Desta forma, concluímos que o signo arbitrário é, antes de tudo, a tentativa de elisão do real, lugar onde o devir se faz nos objetos do sentido e da significação. Aquém e além do valor, o símbolo preserva a analogia entre simbolizante e simbolizado, acrescida de uma imprecisão fundamental de significado, conforme assinala Umberto ECO (5, p. 628-668, 877-913)

3 COMUNICAÇÃO E TROCA SIMBÓLICA

A problemática das relações entre o poeta e a sociedade contemporânea inscreve-se, ainda, no plano da comunicação, pois necessário resgatar o sentido originário desta palavra, tendo em vista a luta contra o modo de dominação da palavra, que determina a hegemonia do código através do fim da troca simbólica e das relações de alteridade. Contudo, devemos ressaltar, não se pretende afirmar a comunicação como função precípua da poesia, mas, recuperá-la em seu sentido anterior à captura pelo código, nos permite investir num caminho ora olvidado pelos teóricos.

O verbo latino **communico (-as, -are, -avi, -atum)**, em sentido próprio, significa “pôr em comum, repartir, dividir alguma coisa com alguém” (6. p. 121), e portanto pode ser entendido como um sucedâneo da troca simbólica, considerado-se a definição de Baudrillard:

“Propriamente falando, não há ‘valor’ simbólico, há apenas troca simbólica, que se define precisamente como outra coisa, para além do valor e do código. Toda a forma de valor (objeto, mercadoria ou signo) deve ser negada para inaugurar a troca simbólica. Nisso consiste o corte radical no campo do valor.” (3, p. 151)

Ou ainda:

“O que constitui o objeto como valor de troca simbólica é o fato de nos separarmos dele para o dar, para o lançar aos pés do outro, aos olhos do outro (**ob-jicere**)... **medium** da relação e da distância, um presente é sempre amor e agressão.” (4, p. 61)

Impossível olvidarmos que toda a poesia significativa do século XX desenvolveu-se e desenvolve-se neste sentido, sempre considerando o limite do compreensivo, enquanto recusa radical do código dominante-dominador, mas jamais se negando à participação, à doação de significados e sentidos por parte do leitor, através do que poderíamos chamar de comunicação na compreensão. Assinale-se, ainda, a marginalidade a que o império do código submete a poesia, motivo pelo qual se reduz a possibilidade de comunicação entre o poeta e os homens com os quais e a partir dos quais ele cria. A poesia, de fato, está sempre a ameaçar a hegemonia do código, pois abre a palavra à comunhão de sentidos e significações para além dos circuitos previamente programados.

Em resumo, podemos afirmar que, ao chegar no **limite do compreensivo**, a poesia não renega a comunicação. Ao contrário, o artista pretende “... colocar na obra a nova mentalidade artística, a partir da qual ele cria, ao mesmo tempo como uma nova forma de comunicação de todos com tudo.” (7, p. 21)

Desta forma, o poeta elabora a resistência ao monopólio da palavra, através da qual se exerce a dominação contemporânea. E a resistência se dá, sobretudo, a partir do que BAUDRILLARD denomina “violência utópica”, investindo na dissolução do valor econômico e na abolição do próprio poder do discurso. “A utopia quer a palavra contra o poder e contra o princípio de realidade que não pas-

sa de fantasma do sistema e de sua reprodução indefinida. Ela nada mais quer a não ser a palavra, e para nela perder-se". (2, p. 145)

4 A EXPERIÊNCIA DO SIMBÓLICO

"O que importa, portanto, é tudo deslocar para a esfera do simbólico, onde a lei é a do desafio, da reversão, do lance derradeiro". (1, p. 56)

Apenas destinando a poesia a ser outra coisa, "... além ou aquém da mercadoria e do mercado" (9, p. 92), podemos vislumbrar e vivenciar, "... a experiência de um mundo de liberdade, além da necessidade. As utopias, afinal de contas, são, sobretudo, obras de arte" (9, p. 92). Assim sendo, a poesia empenha-se num embate constante com o mundo que a rodeia, pois se recusa a integrar o princípio de utilidade que "...corrompe todos os setores da vida, nos fazendo crer que a própria vida tem que dar lucro" (9, p. 92). Por isso, o objeto que a poesia inaugura é novo a cada instante, uma vez que não se lhe sobrepõe um código que, necessariamente, deve ser decifrado, e nem mesmo recorre à racionalidade do signo, a qual "...funda-se na exclusão, na aniquilação de toda a ambivalência simbólica, em proveito de uma estrutura fixa e equacional" (3, p. 186).

"O projeto vivido de uma sociedade técnica é o questionamento da própria idéia de Gênese, é a omissão das origens, da atribuição de sentido e das 'essências'... é uma computação e uma conceitualização práticas na base de uma abstração total, é a idéia de um mundo não mais dado, mas produzido — dominado, manipulado, inventariado e controlado: **adquirido**." (2, p. 34)

Nada mais avesso à poesia, antítese da sociedade. "Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal" (9, p. 92). Por isso, "...a nova mensagem de conciliação" (7, p. 16) que o poeta traz impõe à nossa consciência alienação e golpe, pois apenas no momento

"... em que a obra de arte começou a existir por si mesma, desligada de todos os relacionamentos com a vida, e a arte tornou-se arte, ou seja, 'musee imaginaire' no sentido de Malraux, quando a arte nada mais quis ser senão arte, aí surgiu a grande revolução na arte, que cresceu na época moderna até o desligamento de todas as tradições de conteúdo imagético e de mensagens compreensíveis e tornou-se questionável para ambos os lados." (7, p. 16)

Logo, poeta e poesia, tal como Narciso diante do espelho, buscam "... deixar ser o que é. Mas deixar ser não quer dizer: repetir apenas o que já se sabe. Não na forma de uma vivência de repetição, mas determinado pelo próprio encontro, deixa-se ser o que foi para aquele que se é." (7, p. 75)

Neste momento estamos diante da experiência do simbólico, quando não ape-

nas remete-se para a significação, mas a tornamos presente, como algo único, "... um pedaço do ser que promete completar o algo a ele correspondente, a fim de sanar os efeitos da quebra, curá-lo, de integrá-lo" (7, p. 51). Desta forma, o encontro com a linguagem das formas permite a realização completa da linguagem no poema, numa relação recíproca, entre homem e palavra, de outro reconhecimento.

A experiência do simbólico revela-se, então, uma vivência avessa aos estatutos da sociedade contemporânea, principalmente se considerarmos o princípio de funcionalidade e a crescente impossibilidade do reconhecimento como comunhão comunicativa entre sujeito e objeto. Neste sentido, BAUDRILLARD ressalta que estes são liberados apenas em sua objetividade funcional, e não enquanto singularidades. "Ora, na medida em que o objeto não é liberado a não ser como função, o homem reciprocamente não é liberado senão como usuário desse objeto." (2, p. 22)

Na troca simbólica, que pretendemos esteja presente na poesia, os objetos, ainda segundo BAUDRILLARD, são portadores de um espírito que os faz circular e retornar do donatário ao doador num ciclo incessante e inelutável. E reter os objetos, tendo em vista a reversibilidade da dádiva e da contradádiva, implica na convocação de ameaças imprevisíveis. Na troca simbólica, o operador da mesma é simples intermediário de um fluxo contínuo, onde o objeto vem selar a própria relação enquanto signo de reconhecimento.

5 O JOGO E A FESTA

Exatamente no princípio da funcionalidade detectamos a inutilidade da poesia no mundo contemporâneo, pois importa tão-somente fazer surgir novos objetos capazes de significar o reconhecimento na relação de troca simbólica. A poesia, situada para além do império do código, surpreende a singularidade da palavra, independentemente do valor que se acolhe possa atribuir, e permite que a cognição se desenvolva no sentido da pluralidade.

"A que serviria a transformação de um fato natural em seu quase total desaparecimento mediante o jogo da linguagem, se dela não nascesse — livre da proximidade concreta — a idéia pura, uma flor; ela se eleva cantando, e não aparecesse em nenhuma ramalhete?" (8, p. 127)

A afirmação de Friedrich acerca do jogo da linguagem nos remete, através de citação do mesmo teórico, à frase de MALLARMÉ: "Escolho a palavra para emergi-la de novo em sua inutilidade" (8, p. 131). A reiteração desta inutilidade do jogar com a linguagem — e, portanto, da própria poesia enquanto jogo — funda a lírica moderna e instaura o seu confronto com a sociedade, pois o jogo é "... um movimento que não está ligado a uma finalidade última" (7, p. 38). Portanto, o jogo anula a racionalidade funcional e possibilita a instauração do fazer comunicativo, tendo em vista a abolição da distância entre aquele que joga e aquele que é jogado pela linguagem, situado que está no fulcro do velamento-

desvelamento promovido por esta. O espectador, então, não é mero observador, mas alguém que participa do jogar, realizando uma atividade própria de modo ativo.

Desta forma, jogo e comunicação denotam o conceito de festa, de celebração, conforme definição de GADAMER: "... palavra que abole a concepção de um alvo para o qual se dirige" (7, p. 63). A festa impede, pois, o isolamento — o não-jogar, a incomunicabilidade —, de alguém frente ao outro, restabelecendo a alteridade e a possibilidade de reconhecimento.

Em resumo, os conceitos de jogo e festa, em relação direta com a experiência do simbólico e da comunicação em sentido originário, podem nos fornecer os subsídios necessários para perscrutar as características próprias da poesia na sociedade contemporânea, revelando que a poesia resiste enquanto prazer e gratuidade no uso da linguagem. "Pois a arte só é algo, quando necessita da própria construção do produto final, na aprendizagem do vocabulário, das formas e dos conteúdos, para que a comunicação realmente se realize". (7, p. 78)

Talvez assim possamos aprender a ler, ou seja, vislumbrar o sentido da expressão que se constrói quando do desaparecimento das letras. GADAMER explica que se trata de uma tarefa,

"... de um trabalho de realização — que não pressupõe simplesmente um mundo coletivo-comunicativo, ou aceita-o grato como a um presente, mas justamente tem que construir esta comunhão comunicativa". (7, p. 73)

Logo, os objetos inaugurados pela poesia não podem ser subsumidos na universalidade da categoria da objetividade e da funcionalidade, pois escapam desta categoria enquanto objetos simbólicos, presentes, dádivas que um homem — o poeta — oferece à comunidade na qual e para a qual vive e cria, mesmo diante da inexistência de uma comunicação evidente entre ambos. Neste sentido, não podemos olvidar a participação que a comunidade desfruta nos meios de comunicação de massa. Recorramos, novamente, a BAUDRILLARD:

"Ambos, objetos e informações, resultam já de uma seleção, de uma montagem, de um ponto de vista; testaram previamente a 'realidade' e não lhe formularam senão as questões que lhes 'davam sentido', decompueram a realidade em elementos simples que recompueram em cenários de oposições regulares..." (1, p. 98)

Onde, então, a evidência da comunicação em seu sentido originário? Acreditamos que apenas na arte, e especialmente na poesia, restabelece-se o sentido de comunhão, pois a linguagem se abre, permitindo a recuperação da Gênese do símbolo em suas motivações e das singularidades do sujeito e do objeto.

6 CONCLUSÃO

Tdo o caminho percorrido até a confecção do presente trabalho vivemos

dentro da névoa. Perplexidade e angustia. Não pretendemos atingir qualquer conclusão, mas lançar os dados e afirmar as dúvidas, buscando na multiplicidade e na interdisciplinaridade refletir acerca da possibilidade de, através do discurso poético, fazer a **guerrilha semiológica**. Reafirmamos as limitações deste esboço, mas acreditamos oferecer aos possíveis leitores subsídios para reflexões que possam contribuir para a construção utópica do homem-poeta.

7 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 BAUDRILLARD, Jean. **L'enchange symbolique et al mort**. Paris: Gallimard/NRF, 1976.
- 2 _____. **Le miroir de la production, ou l'illusion critique du matérialisme historique**. Paris : Casterman, 1973.
- 3 _____. **Para uma crítica da economia política do signo**. Lisboa : Martins Fontes (19...).
- 4 _____. **Pour une critique de l'économie politique du signe**. Paris: Gallimard, 1972.
- 5 ECO, Umberto. Segno e Simbolo. In: ENCICLOPEDIA Einaudi. Torino: G. Einaudi, 1981. V. 12,
- 6 FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino português**. Rio de Janeiro : Fename, 1982. 591p.
- 7 GADAMER, Hans-Georg. **A atualidade do belo : a arte como jogo, símbolo e festa**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1985. 80p.
- 8 FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna** São Paulo : Duas Cidades, 1978. 349p.
- 9 LEMINSKI, Paulo. A arte e outros inúteis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 out. 1988. Ilustrada, p. 92.